

UM CASAL FLUMINENSE

MARILSA SODRÉ É CEDIR DOS SANTOS TÊM FORTES LEMBRANÇAS AFETIVAS DA JUVENTUDE NO RIO. MAS FOI BRASÍLIA QUE LHE DEU A CHANCE DE CONSTRUIR UM PATRIMÔNIO MATERIAL E FAMILIAR

Minervino Júnior/Especial para o CB



62 MIL
FLUMINENSES
MORAM
NO DF

MARCELO ABREU
DA EQUIPE DO CORREIO

Esta história começa numa rua de subúrbio do Rio de Janeiro. Uma adolescente de aliança de noivado no dedo é abordada por uma vidente. Sem que lhe perguntasse qualquer coisa, a mulher diz, exatamente com essas palavras: “Você não vai se casar com esse rapaz de quem está noiva. Vai se casar com um mulatinho e logo depois vai se mudar para uma cidade que ainda nem existe. Lá, você vai aprender o ofício de costura e nunca mais vai querer ir embora daquele lugar...”

A adolescente, menina de tudo e de aliança no dedo, riu. Gargalhou alto. Como só meninas sabem fazer. Debochou das previsões daquela mulher. E disse a uma amiga que a acompanhava: “Vê se pode? Vou morar numa cidade que não existe... Ela não sabe de nada...”

Passaram-se 51 anos desde aquele dia.

Manhã de quarta-feira, 9 de abril, 2008. Entrar na casa deles, sentar-se ao redor de uma mesa de madeira e ouvi-los falar é, antes de qualquer coisa, uma aula. Sobre andanças, mudanças, recomeço. Uma aula de vida. E de como, nessas andanças, se resgata sempre uma grande lição. A história é contada entre uma gargalhada e outra. Um olhar de saudade, lembrança revivida. Um homem de 83 anos e uma mulher de 66 falam do começo de uma cidade. E de como viram, limpando os olhos da poeira vermelha, para enxergar a imensidão do cerrado, o início da construção de um sonho. Talvez o deles próprios.

Cedir dos Santos e Marilsa Sodré dos Santos são

personagens de uma história chamada Brasília. Na casa simples do Cruzeiro Velho, esses dois cariocas — ele, de Vila Isabel, torcedor do Flamengo e, claro, amante da escola de samba do bairro de Martinho da Vila; ela, de Nova Iguaçu e mangueirense roxa — falam da terra de JK como se falassem deles mesmos. Na verdade, a continuação da história deles está intimamente ligada à história de Brasília.

E para entender tanta história é necessário voltar no tempo. Sábado à tarde, agosto de 1960. Havia quatro meses que Brasília fora inaugurada. Ainda muita coisa por fazer. A cidade — ou o que existia dela — era um canteiro de obras. No aeroporto desembarcam Cedir e Marilsa (ela prefere ser chamada de “Dida”, como é conhecida por todos). Ele tinha 35 anos. Ela, 18. Ele, agente de portaria do Ministério da Fazenda. Ela, mulher de Cedir, duas filhas pequenas: Marisa, 1 ano, e Márcia, 4 meses. No desembarque do aeroporto de madeira, ao se deparar com o nada, Dida se perguntou: “O que eu vim fazer aqui, meu Deus?” E seguiu-se uma choradeira sem fim. “Eu só chorava. Chorava sem parar”, ela conta.

Meses antes da vinda para nova capital, Cedir fora convidado para morar em Brasília. Disseram-lhe que ele teria casa para morar e o salário, como incentivo, dobraria. Assim que soube da notícia, correu para dizer para a jovem mulher. E a preparou: “Lá não tem nada, Dida! A cidade tá começando”. Sem pestanejar, ela lhe respondeu: “Vamos assim mesmo. Vai ser nossa chance de não pagar mais aluguel”.

Vieram, então. Na bagagem, além dos sonhos, a vontade de começar. Mas o impacto da chegada fez Dida chorar: “Eu me perguntava como a gente tinha largado o Rio de Janeiro para viver num lugar que não tinha nada”. O primeiro endereço foi um apartamento pequeno na 414 Sul. Lá, ficaram por 15 dias, até mudarem para a 410. “Vivemos ali por quatro anos, até conseguirmos uma casa no Cruzeiro Velho”, diz Cedir.

Na 410, descobriram outros cariocas na mesma situação. Logo, surgiram os primeiros encontros. As primeiras amizades. Nos fins de semana, falavam sobre samba, futebol, mar. Chegaram a criar um bloco, Alvorada e Ritmo. Era a saudade do Rio de Janeiro cantada nos versos de Cartola e Nelson Cavaquinho. Mas Dida ainda chorava. Um dia, sentindo-se mal, procurou um médico. A queixa? Aperto danado no coração, como se fosse infarto. Ao examinar a jovem mãe, o homem de jaleco branco lhe

disse, sem dúvida: “O nome dessa doença é saudade. Ela dói mesmo. Só eu sei como...” O médico também era um forasteiro na terra de JK.

Ainda na 410, explodiu a Revolução de 1964. A vida ficou mais difícil. O salário dobrado, benefício que atraía funcionários públicos à nova capital, foi cortado. “Tive que fazer o enxoval dos meus filhos com as camisas que o Cedir usava no ministério. Foram nossos piores momentos em Brasília. Não podíamos mais nos reunir, nem mesmo pra cantar um sambinha. Tudo passou a ser vigiado. Vivemos momentos de muita tensão e humilhação também”, lembra Dida, com os olhos perdidos. Ele continua: “Muitos dos nossos amigos não agüentaram e voltaram pro Rio”.

Da 410 Sul, a família se mudou para a quadra 16 (hoje 4) — a única construída no Cruzeiro Velho. Não havia nada. Nem água nem luz nem asfalto. Era 1962. Ano após ano, nasceram Sidinei, Sadir, Marcos, Kátia, Sérgio e Cíntia. A família estava formada. Cedir trabalhava no Ministério da Fazenda. Dida era mãe e dona-de-casa em tempo integral. Sempre que podia, a família ia ao Rio de Janeiro. Era a única forma de não perder contato. E de matar a saudade dos parentes e amigos.

No Cruzeiro Velho, eles se juntaram a outros cariocas. A saudade de um era a saudade do outro. Veio a fundação da escola de samba Aruc. Dida ajudava na confecção das fantasias. E, assim, matavam a saudade da terra natal. Os filhos cresciam. Abriam-se novas ruas no Cruzeiro Velho. A vida parecia tomar forma. Criar laços. “Aos poucos, fomos espaçando as idas ao Rio”, diz Cedir.

Passaram-se os anos. Muitos anos. Os filhos de Cedir e Dida lhe deram netos. Cedir se aposentou, depois de 42 anos de trabalho. Ele virou o dono da casa. Cozinheiro de mão cheia. Dizem que a carne assada que prepara é dos deuses. Ela passou a trabalhar fora. Chegou a vez de Dida. Fez curso de artesanato. E virou uma grande artesã, aos 44 anos de idade. Na Torre de Televisão, montou sua barraca. Ficou ali por mais de duas décadas. Tornou-se uma das grandes artistas da cidade em bonecos de fantoche. Sua obra já foi parar até no Japão.

Os 18 netos de Cedir e Dida lhes deram — até agora — seis bisnetos. A casa modesta no Cruzeiro Velho ficou pequena. Teve que ser aumentada. Hoje, para abrigar parte da família, tem três andares. Um terraço em cima onde os filhos se reúnem para a feijoada do fim de semana. O samba e um chopinho, claro, jamais podem faltar. “É tan-

“SOU
APAIXONADA
POR ESSA TERRA.
DAQUI NÃO SAIO
NUNCA MAIS. EU
NÃO ESCOLHI
ESSA CIDADE, MAS
FUI ESCOLHIDA
POR ELA”

ta gente que só a família enche a casa toda”, conta ele. É como se o Rio de Janeiro entrasse novamente por todos os sentidos.

E Brasília, já deu para gostar, depois de quase meio século? A mulher miúda, de 1,48m, se agiganta: “Sou apaixonada por essa terra. Daqui não saio nunca mais. Eu não escolhi essa cidade, mas fui escolhida por ela”. Cedir, do alto de seu 1,58m, emenda: “O Rio, mesmo com a violência, continua lindo, maravilhoso. Mas aqui é o nosso lugar”. Apaixonada pela terra de JK, Dida se envaidece: “Eu vi essa cidade *nascer* (assim mesmo, com esse sotaque carregado, como só carioca da gema fala)”.

Em tempo: no próximo 31 de maio, Cedir e Dida completarão 50 anos de casados. Quarenta e oito deles passaram aqui. A festança vai ser numa chácara, no Riacho Fundo. “Vamos fazer um belo churrasco”, ele promete. Serelepe, ela avisa, com os olhinhos acesos: “Vai ter muito pagode e samba, como tem que ser festa de verdadeiro carioca”. A vidente que há mais de 50 anos lhe disse que ela se casaria com um mulatinho, moraria numa cidade que ainda não existia e dela não mais sairia, nunca acertou tanto. “Até hoje fico arrepiada quando me lembro dessa história”, admite a mulher que fez de Brasília mais do que uma história. Transformou-a em paixão.